

## Apresentação

Depois de uma sequência de quatro números de caráter temático – “Especial China”, “Especial Letras Clássicas”, “Especial Negritude e Tradução” e “Especial ‘a outra Europa’” – a *Cadernos de Literatura em Tradução* volta a apresentar um número de caráter geral, fazendo chegar ao leitor uma gama variada de ótimas contribuições, entre artigos, ensaios e traduções comentadas, além de resenha sobre uma singular obra de referência galega, e a já tradicional e muito aguardada entrevista.

**Erasto Santos Cruz** abre o número com o artigo “Chuang Tse e o rei de Chu: Silva Mendes e sua adaptação dos clássicos taoistas”, em que discute a influente atuação de Manuel da Silva Mendes (1876-1931) como primeiro português a divulgar a tradição taoista chinesa no mundo lusófono. Santos Cruz defende a ideia que “Chuang Tse e o rei de Chu” deveria ser vista não como tradução, mas como adaptação do clássico chinês *Nán Huá Jīng*, escrito no século III a. C.

Na sequência, **Eduardo Freitas de Souza** apresenta sua tradução comentada da peça *Before Breakfast*, do dramaturgo norte-americano e exímio criador de diálogos Eugene O’Neil (1888-1953). Para Eduardo Souza, uma bela tradução tem de “entrar no espírito do original, capturar-lhe a beleza da relação conteúdo/forma, e reproduzir este espírito em outra língua”, como ele procurou fazer em “Antes do café da manhã”.

No ensaio “Nas moradas da morte: poemas de Nelly Sachs”, **Celso Fraga da Fonseca** nos apresenta uma seleção de poemas da judia alemã Leonie Sachs (1891-1970), mais conhecida como Nelly Sachs. Durante a Segunda Guerra, Nelly se refugiou na Suécia, onde veio a produzir a melhor parte de sua bela, amargurada, e intensamente metafórica obra lírica, como os poemas aqui publicados.

Sonhos – recorrentes na obra do poeta norte-americano Langston Hughes (1902-1967) – são o tema dos poemas que **Débora Landsberg** selecionou para traduzir e apresentar no seu artigo “Dois poemas de Langston Hughes”. Ela analisa as próprias traduções segundo parâmetros propostos por Paulo Henriques

Britto (2002), e avalia o grau de correspondência entre os originais e as respectivas traduções em termos de métrica, rimas, aliterações, registro.

“Os poemas de Hilda Hilst têm tanto a solidez das árvores, na forma e estrutura, quanto a fluidez das águas que ela mesma cita em seus versos”, nos conta a tradutora **Dinaura M. Jules**. Na temporada que passou na Casa do Sol, residência de Hilda Hilst (1930-2004) em Campinas, Dinaura pôde transitar entre a poesia do impalpável e o universo do palpável, semeados por Hilda em seus versos tais como o foram “as avencas que realmente vicejam no terraço central” – viço não negado à tradutora que, enquanto lá esteve, verteu para o inglês os dez cantos do poema *Do Desejo*, aqui publicados.

**Renata Silveira Lopes** nos apresenta sua tradução comentada do texto “Inverno in Abruzzo”, de Natalia Ginzburg (1916-1991). Por suas características estilísticas e pela simplicidade, Renata situa o texto da italiana entre o ensaio e a crônica, destacando seu cunho autobiográfico. A leitura se faz mais interessante pelos comentários da tradutora, que enfatiza o cuidado de Ginzburg tanto com o registro coloquial quanto com a musicalidade e a poesia das frases, na elaboração de sua prosa.

Uma coruja do conto de fadas “Cross Purposes”, de George MacDonald (1824-1905), sente-se ferida em seu orgulho e compõe uma canção em que enaltece os próprios predicados ao mesmo tempo em que zomba das crianças que ela julga terem-na desacatado. **Leandro Amado de Alvarenga** nos apresenta a este conto peculiar e à sua tradução da “Canção da Coruja”, que ele faz acompanhar de interessantes comentários e reflexões. Como o próprio Leandro salienta, numa tradução poética ele procura empreender “uma expedição às profundezas do texto alheio para roubar-lhe a centelha viva do fogo sagrado: a significância”, como proposto por Mário Laranjeira (2003).

Às *Gravuras Japonesas* dedicam-se **Anderson Lucarezi** e **Lucas Zapparolli de Agustini**, que traduzem e comentam sete poemas – ou “quase haicais” – do norte-americano John Gould Fletcher (1886-1950), compostos após o poeta visitar uma exposição de pinturas japonesas em Boston. Os poemas foram publicados no livro *Japanese Prints*, em 1918, época em que o interesse despertado pelo Oriente havia se tornado um “fenômeno mundial” no Ocidente.

No artigo “Negociações na tradução de ‘Il Mattino’, de G. Parini”, **Diana Rosenthal Szyllit** apresenta sua tradução de um trecho da poesia narrativa *Il Giorno*, de Giuseppe Parini (1729-1799). O poeta foi preceptor do filho de um casal de nobres, e o que seria a descrição de um dia (*Il Giorno*) na vida desse jovem, transforma-se, pela arte do poeta, numa crítica mordaz ao modo de vida da

aristocracia da época, que nada fazia de relevante. Segundo Diana, “é justamente esse contraste entre o rebuscamento de uma poesia elevada e a futilidade da vida de um jovem membro da nobreza setecentista que fazem de *Il Giorno* uma obra tão original”.

**Beatriz Bastos** nos apresenta o poeta e crítico norte-americano Frank O’Hara (1926-1966), e comenta sua tradução para o português do poema “Three airs”, ou “Três árias”, que ela considera representativo de sua obra, por apresentar diversos aspectos marcantes da estética do autor: “o movimento, certa ‘abertura’, e imagens fantasiosas misturadas a elementos mais casuais”.

Na resenha “Os agentes de tradução numa língua minorizada”, **Elisabete Ares Licer** destaca a importância do estudo desenvolvido por um grupo de pesquisadores galegos sobre a disponibilidade da literatura traduzida ao galego após a morte do ditador Franco e após o ingresso dos idiomas galego, catalão e basco no panteão de línguas cooficiais do território espanhol, paralelamente ao castelhano. Intitulado *Literaturas extranjeras y desarrollo cultural. Hacia um cambio de paradigma en la traducción literaria gallega*, o estudo faz um levantamento de tudo que foi traduzido ao galego nos últimos 30 anos. Tais traduções tinham o intuito não só de enriquecer e promover a difusão do galego, como também oferecer aos alunos do ensino fundamental e médio obras em galego, seguindo legislação que passara a exigir leituras nessa língua.

Arremata este número a entrevista que a poeta e tradutora **Francesca Cricelli** realizou com os professores italianos **Giorgio De Marchis** e **Gian Luigi De Rosa**. Tradutor de Luiz Ruffato e Moacir C. Lopes, entre outros, De Rosa defende que o tradutor é “uma espécie de novo autor, porque deve dar uma nova voz àquilo que está traduzindo”, e revela que em suas traduções procura “reverberar as características de estilo originais”. Já De Marchis, tradutor de autores como José Eduardo Agualusa, Pires Cabral e Fernando Pessoa, acredita que tradutores estabelecem “uma intimidade absoluta” com o texto que traduzem, e confessa que, com frequência, tem a sensação de que “o livro em questão foi escrito somente para mim”. O leitor também assina embaixo?